

Preciosidades que se perdem

Celso Maria de Mello Pupo

É de 13 de dezembro uma dupla publicação da "Folha da Manhã" decidida à valiosa decoração da Igreja de São Bento, em São Paulo. Em uma delas, no caderno "Ilustrada", há um nome que deu a Campinas uma preciosidade — o do decorador Thomaz Scheuchl que foi trazido à nossa cidade pelos missionários do Coração de Maria, em 1927. Estes missionários cuidavam da finalidade de suas missões, tendo por sede a antiga Igreja do Rosário construída na então rua Francisco Glicério esquina da rua Campos Salles.

A velha igreja fundada em 1807 pelo padre Antônio Joaquim Teixeira, que iniciou sua construção, teve o zelo dos missionários para restaurá-la, fazendo-a uma obra de arte com a vinda de São Paulo do irmão beneditino Thomaz Scheuchl, decorador de mérito acima citado.

A igreja se transformou para ser uma preciosidade artística: foi reconstruída e depois decorada pelo decorador Scheuchl que brindou Campinas com a arte de Beuron-Alemanha, celebrizada com sua produção distribuída por vários países como a Alemanha, Áustria, Itália, Vaticano, Estados Unidos etc.

A obra de Scheuchl em Campinas teve a crítica de um pintor de renome que nos visitava, Torquato Bassi, levado a conhecer a igreja pelo advogado Paulo Álvares Lobo, grande entusiasta de arte. Bassi assim se expressou: "Que encanto, que maravilha"; "olha como reveste as figuras de uma poesia mística, na harmonia das cores e simplicidade dos traços. Repara, meu amigo, com que gosto apurado e com que amor esse grande artista de assuntos religiosos está decorando tudo isto"; "as figuras conservam bem a pureza do estilo dentro de um misticismo próprio deste gênero de pintura. Nada falta: sentimento, expressão e poesia, evidenciando o extraordinário poder evocativo do autor. Tudo está em

plena harmonia, não havendo um só espaço que não esteja estudado conscienciosamente. O fundo dos altares, as tintas neutras produzem o desejado efeito de maneira simples, natural. As colunas são decoradas meticulosamente, com emblemas religiosos num conjunto harmonioso de cores. Afigure-se-me, tudo isto, uma verdadeira sinfonia de cores, se me permite a expressão". (Do *Diário do Povo* de 13 de janeiro de 1927).

Ainda o historiador Júlio Mariano alertou Campinas pela sua crônica de 31 de janeiro de 1945: "Ilustre dama, ilustre pelo parentesco com Ramos de Azevedo e mais ainda pela cultura que lhe aformoseia o espírito — distingue-nos ontem com dois dedos de prosa pelo telefone a fim de nos chamar mais uma vez a atenção para o templo do Rosário e a riqueza pitórica de sua decoração.

Solidária conosco, com respeito à opinião aqui externada há dias sobre o que traduz de monumento e preciosidade em arte sacra a referida igreja, a ilustre senhora não pode reprimir sua indignação e protesto ao saber que se mantém de pé aquele plano urbanístico que condena a desaparecimento o belo templo, fato que vem confirmando na erudita nota da Comissão do Centro de Ciências, Letras e Artes, estampada ontem no *Correio Popular* (31/01/1945).

A igreja poderia ser poupada com a construção de uma praça circular envolvendo e conservando-a. Mas demoliu-se a igreja com perda de um valor artístico precioso!

Graças a heróicos trabalhos do médico de apurada sensibilidade artística, dr. José de Ângelis, aliada à técnica do erudito pintor Aldo Cardarelli, salvaram-se fragmentos da valiosa decoração, grandes e pequenos, de paredes e colunas que tiveram suas texturas reforçadas nas partes internas. O Museu Arquidiocesano de Campinas, que delas possui quatro pela generosidade de um doador, está fotografando em co-

